



Lisboa

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA - DGED - GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES



Depois de algum tempo de intervalo da última carta minha, só agora te posso escrever a contar-te alguma coisa do que aqui se tem passado desde as eleições de deputados.

Um mês antes deste acto, o Governo ordenou a saída de todos os navios da Marinha de Guerra que estivessem prontos a navegar e sem destino certo nem serviço destinado só para juntar as guarnições a quaisquer motins que sobreviessem, de forma que ficou como navio chefe com as honras do porto o rebocador Lidador que como sabes não tem artilharia. Acontece que vem a Lisboa um barco brasileiro e aí tem de ir um oficial declarar qual o motivo porque não se lhes correspondeu às salvas e pedir desculpas.

Como já deves saber as eleições foram já uma grande derrota da monarquia pois que o partido republicano fez eleger 14 deputados, lutando só por si e contra todos os agrupamentos políticos em número de 8.

Passadas as eleições regressaram os barcos a Lisboa e estava tudo em sossego esperando pela abertura do Parlamento quando um doido se lembrou de matar um dos novos deputados o Dr. Bombarda. Passou-se este caso às 2 horas da tarde de dia 3 e às 5 da tarde já havia pancadaria no Rossio com a polícia e o povo indignado, quando eu às 8 horas atravessei o Rossio para ir para casa já os revolveres trabalhavam e até fui para casa mais depressa do que calculava.

Às 5 horas da manhã de 4, acordei ao som de uma enorme fuzilaria que já parecia o fim do mundo, aqui perto da minha casa em S. Roque. Foi o encontro dos revolucionários com a Guarda Municipal do Carmo. Acabou a fuzilaria, chego à janela ver os gritos que se ouviam de "ai Jesus, ai quem me acode": era um desgraçado caído por terra varado com 2 balas e outro com uma perna no ar a fugir. Vesti-me, almocei e saí para o trabalho quando chego a S. Roque fiquei aterrorizado com o que vi: a Guarda Municipal emboscada em todas as ruas de joelhos em terra e prontos a fazerem fogo. Ainda fiquei indeciso sem saber se seguisse ou se voltasse para casa, mas enchi-me de coragem e vou para a frente. Diz-me um clarim " para baixo passa tudo, para cima não vem ninguém". Chego ao Rossio, caiu-me o coração aos pés quando vi Infantaria 5 na mesma posição e Caçadores 5 com as metralhadoras assestadas nas embocaduras das ruas em volta do Rossio. Era a Marinha que já havia derrotado Infantaria 1 e a Guarda Municipal em Alcântara e depois vem sobre eles Cavalaria 4 e os marinheiros no terraço do quartel fizeram tão certa fuzilaria que foi mais um esquadrão destroçado e de tal maneira que os cavalos já sem as praças fugiam em todas as



direcções. Sossegou aqui em Alcântara. Recomeçou na Avenida a fuzilaria de canhão. Era a Bateria de Queluz e Infantaria 2 que se foram postar em Sete Rios próximo à Penitenciária e daqui a fazerem fogo para Artilharia 1 e Infantaria 16 que estavam acampados no Alto da Avenida. As forças do Rossio só estavam na defensiva. Enquanto se deu o combate entre estas forças, e de quando em quando, aí vinha uma granada para a baixa. Eu posso-to afirmar tudo porque fui uma testemunha de tudo o que aqui se passou. Estive todo o dia cercado sem me deixarem passar para casa e por isso observei tudo. Aqui na baixa, às 4 da tarde caiu uma granada no prédio que faz o Arco do Bandeira que espalhou toda a metralha no meio dos Caçadores, aí tratam eles de fugir para a Rua da Bitesga. Enquanto se davam estes combates em que ficou destroçada a Bateria de Queluz e Infantaria 2 reduzida a metade, uma grande parte rendeu-se; entregaram dois canhões aos revolucionários. Os marinheiros embarcavam todos, deixando o quartel à guarda de populares armados. Durante a noite foram-se entretendo com o Palácio das Necessidades a ponto de o destruírem quase por completo. Eu que já me tinha passado para casa por uma pequena abertura que achei na Rua dos Capelistas, estive toda a noite à janela com a Ester a observar o tiroteio que era deveras curioso. Ouviam-se dois tiros de canhão disparados da Avenida; respondiam as metralhadoras do Rossio com uma medonha fuzilaria (não sei se sabes que têm umas metralhadoras automáticas que dão 600 tiros por minuto). Calavam-se as metralhadoras, ouviam-se os canhões. Os tiros disparados dos navios iluminavam os altos da cidade, e assim se foi passando a noite até às cinco da madrugada do dia 5 em que foi medonho. A esta hora, oiço fogo dos seguintes lados. Da Avenida creio que eram os canhões em fogo cerrado; do Terreiro do Paço, tiros de canhões, era a marinha que desembarcava; do Rossio, ainda houve uma metralhadora que respondeu mas logo se calou para não mais se ouvir. Aqui de S. Roque eram Lanceiros 2 e Guarda Municipal que, entrincheirados na Rua das Taipas e na Alameda de S. Pedro de Alcântara, faziam fogo para a Avenida; do Príncipe Real para o Terreiro do Paço alguns canhões de Queluz a fazerem fogo. Estes é que eram as medonhas, assobiavam por cima destas casas. A Artilharia 1 rompe um fogo tão nutrido para aqui, que eu já não estava à janela mas sim na casa mais interior possível. Era uma chuva enorme de metralha, estilhaços de vidros de candeeiros, chumbo, etc. Durou isto perto de uma hora. Acabado, volto à janela. Fazia dó ver a forma como já andavam os Lanceiros, foram-se esconder na Rua da Atalaia.



Lisboa

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA - DGED - GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES



Calou-se tudo eram umas 6 1/2 da manhã. Daí a pouco já se ouve dizer vitória para a República e bandeira arvorada no Castelo de S. Jorge.

Começa tudo a sair para a rua para ir ver de perto os estragos causados pela batalha. Eu também com a Ester. Era simplesmente horroroso o que se via: algerozes furados de lado a lado, candeeiros de iluminação desfeitos. Na Rua de S. Roque, bocados de carne espalhados pela Calçada em frente do jornal *O Mundo*. No Rossio, Rua do Príncipe e Avenida seria pouco quanto papel houvesse para descrever tudo. O sangue era às postas. Houve desgraçados nalguns lados que pareciam que tinham ficado em massa tal era a quantidade de sangue. A frente do Café Suíço, toda em mármore, cravejada de furos, o mesmo prédio mas da frente da Avenida com quatro enormes furos que cabia por qualquer deles um homem deitado. Árvores enormes da Avenida furadas de lado a lado. Uma granada rebentou num telhado que fez incendiar um prédio; ardeu tudo quanto havia para arder e foi uma providencia ficar só por ali porque os bombeiros não puderam lá ir. Ainda tentaram isso mas foram repelidos com alguns feridos; o guarda portão [que] ia participar o fogo foi morto a tiro. Agora aqui é que foram elas! Estava com a Ester a ver estes destroços, recomeça a artilharia a fazer fogo para fazer fugir tudo para suas casas, porque tinha recebido comunicação de que vinham forças de Santarém, foi quem mais pôde fugir. Afinal nada mais houve, felizmente, e conservaram-se todas as forças nas suas posições todo o resto da semana até que já tudo retirou. Já abriram teatros, a feira da Avenida, circulam comboios, carros eléctricos e à noite já somos contentados com as bandas militares a tocar no Rossio.

Agora passa-se algum tempo em procura dos Jesuítas. O governo assinou um decreto da expulsão dos Jesuítas e vais ver a forma como eles estavam preparados.

O primeiro assalto que se fez foi a Campolide. Eles responderam com fuzilaria, mas conseguiram as tropas entrar no convento e não encontraram nem sombra deles. Viram-se alguns alçapões disfarçados com lajes no chão e portas de pedra nas paredes; aberto um desses alçapões, deparou-se-lhes enormes túneis com diversas direcções. Alguns militares mais arriscados ainda querem observar o que aquilo dá mas chegam a certa altura falta-lhes o ar e têm que retroceder. Têm tido tropas dentro do edifício e apesar disso um dia destes seguiam alguns militares e paisanos armados por um corredor enorme e por detrás deles fizeram os jesuítas fogo e levantou-se uma enorme poeirada. Os militares fizeram fogo para o sítio do fumo mas nada viram nem sombras. Tinham ficado dois homens



Lisboa

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA - DGED - GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES



nossos estendidos no chão. Depois como não viram frades nenhuns entaiparam algumas tocas e ficaram de sentinela a outras. O segundo assalto foi ao convento do Quelhas. Aqui houve a repetição do que já havia sucedido em Campolide, as mesmas alçapões e tudo igual. Aqui houve um brilhante episódio. Tinham uma santa com a mão em posição de abençoar; uma vez que se levantasse a mão logo se abriram umas portas falsas, donde saíram 18 frades que foram imediatamente presos. Isto denunciou uma freira. Estas já foram todas expulsas para o estrangeiro. Do Quelhas de quarenta e tantas saíram 8 grávidas, e 2 já tiveram as crianças no Arsenal da Marinha, e 3 já com as crianças ao colo. Faz um cálculo do estado em que estavam os canos, bem armados e fornecidos; as que ainda andam nos canos hão-de se render pela fome. O governo já pensou em queimar nas entradas dos canos barricas de enxofre e alcatrão, mas isso foi suspenso por haver perigo nisso. A família real embarcou na Ericeira em 2 buques das armações do Catatau em direcção ao iate Amélia que os levou a Gibraltar. Com a partida tão apressada não tiveram tempo de levar roupas nem dinheiro, foram quase só com o que tinham no corpo.

R.I.P finou-se a monarquia

Viva a República

Agora esperamos pelos breves progressos da nova civilização

Viva a República

A guarda municipal saiu hoje o decreto extinguindo-a; todo o pessoal do estado já com 8 horas de trabalho.

Transcrição e adaptação: Ana Homem de Melo

**Gabinete de Estudos Olisiponenses**